



TAPE PORÃ: APRENDIZAGENS INTERCULTURAIS NO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA

TAPE PORÃ: INTERCULTURAL LEARNING IN PIBID PHYSICAL EDUCATION PROGRAM

TAPE PORÃ: APRENDIZAJE INTERCULTURAL EN EL PROGRAMA DE EDUCACIÓN FÍSICA DEL PIBID

Gabriela Nobre Bins • Polen Sato Pinheiro • Renã Perez Santana • Roseli Belmonte Machado

Resumo

Esse artigo apresenta reflexões sobre as experiências de estudantes bolsistas e da professora supervisora do PIBID Educação Física em uma escola municipal de Porto Alegre com práticas corporais indígenas e uma educação intercultural. A partir da experiência com os jogos indígenas na escola e vivência com diferentes jogos e brincadeiras de diversas etnias indígenas, os estudantes pibidianos se deparam com a possibilidade da construção de uma educação física mais plural e contra hegemônica, inspirada na educação intercultural.

Palavras-chave: PIBID; Educação Física; Interculturalidade; Práticas Corporais Indígenas; ERER.

Abstract

This article presents reflections on the experiences of scholarship students and the supervising teacher of the PIBID Physical Education program in a municipal school in Porto Alegre, focusing on indigenous body practices and intercultural education. Based on their experience with indigenous games at school and their interaction with different games and activities from various indigenous ethnic groups, the PIBID students encounter the possibility of constructing a more pluralistic and counter-hegemonic physical education, inspired by intercultural education.

Keywords: PIBID; Physical Education; Interculturality; Indigenous Body Practices; ERER.

Resumen

Este artículo presenta reflexiones sobre las experiencias de estudiantes becados y la profesora supervisora del programa de Educación Física PIBID en una escuela municipal de Porto Alegre, con énfasis en las prácticas corporales indígenas y la educación intercultural. A partir de su experiencia con juegos indígenas en la escuela y su interacción con diferentes juegos y actividades de diversos grupos étnicos indígenas, los estudiantes de PIBID encuentran la posibilidad de construir una educación física más pluralista y contrahegemónica, inspirada en la educación intercultural.

Palabras clave: PIBID; Educación Física; Interculturalidad; Prácticas Corporales Indígenas; ERER.

INTRODUÇÃO - TAPE ÑEPYRŪ - O INÍCIO DO CAMINHO

Esse artigo versa sobre os belos caminhos (Tape Porã) de aprendizagem com a interculturalidade e as práticas corporais indígenas de alunas/os do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e a professora supervisora de uma escola da rede municipal de Porto Alegre. Entendemos Educação Intercultural como o processo pedagógico que busca o diálogo e a valorização de diferentes culturas em nossas práticas pedagógicas, possibilitando trocas e construção de respeito e a





visibilidade às diversidades culturais. Segundo Candau (2008, p. 2) a educação intercultural "aparece como uma perspectiva alternativa e contra-hegemônica de construção social, política e educacional, sendo complexa por estar atravessada por desafios e tensões, tornando necessária a problematização das diferentes práticas sociais e educativas". As reflexões e relatos de experiências feitas nesse texto correspondem ao período do primeiro semestre de 2025 em uma escola municipal de ensino fundamental na periferia da cidade de Porto Alegre.

O PIBID é uma política de formação de professores promovida pelo Ministério de educação que tem como objetivo:

Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino aprendizagem (Brasil, 2020).

O Núcleo PIBID Educação Física da UFRGS se constitui no final de 2024 e se dispõe a criar uma perspectiva de uma Educação Física Inclusiva, sendo a Interculturalidade um dos temas de estudo e atuação. Ao longo do final de 2024 e início de 2025 fomos realizando formações sobre a temática, discutindo alguns teóricos como Rufino (2019), Bins e Molina Neto (2016), Ricardo *et al.* (2024) e vivências sobre Pedagogia Griô e ERER. Então, em 2025, iniciamos em nossa escola o PIBID.

Em específico, junto com a coordenação de Núcleo, todos os estudantes do PIBID Educação Física fizeram formações sobre o tema Interculturalidade. Em abril de 2025, as/os estudantes Pibidianos foram convidados a ler e discutir também o livro "Práticas Corporais Indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para a implementação da Lei nº 11.645/08 na Educação Física escolar" da professora Arliene Stephanie Menezes Pereira e em junho realizaram um encontro com a autora. No segundo semestre de 2025, também os estudantes participaram do curso de extensão Formação de Educadores para Práticas Escolares Interculturais (FEPEI) debatendo os temas das práticas interculturais.

De acordo com Carvalho e Machado (2016), através do PIBID, os estudantes de licenciatura constroem suas iniciações à docência em conjunto com professores da educação básica de escolas públicas e professores universitários, dialogando com o contexto em que futuramente irão atuar e também proporcionando um diálogo destes com a universidade. O objetivo deste texto é apresentar reflexões sobre as experiências de estudantes bolsistas e da professora supervisora do PIBID Educação Física em uma escola municipal de Porto Alegre com práticas corporais indígenas e uma educação intercultural. Para tanto, o texto está organizado em mostrar os percursos metodológicos, logo após, discorrer sobre os





entendimentos de interculturalidade, práticas corporais indígenas. A seguir, apresentam-se reflexões críticas narrativas que as/os estudantes foram construindo ao longo da vivência na escola. Por fim, trazemos as considerações transitórias deste processo.

PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico deste trabalho é ancorado no referencial da pesquisa narrativa. Entendemos a narrativa como uma forma de contar uma história, portanto, a perspectiva metodológica da pesquisa narrativa: vive, conta, revive e reconta histórias (Clandinin; Connelly, 2011). Ao narrar as experiências de estudantes do PIBID com as práticas corporais indígenas estamos contando, revivendo e recontando histórias de um processo de formação. Buscamos através da pesquisa narrativa, atribuir sentidos e aprofundar a compreensão das experiências com uma educação intercultural em Educação Física em uma escola municipal de Porto Alegre. “Ao narrar não apenas acessamos os significados produzidos, mas produzimos estes significados durante a própria narrativa, através de um processo interpretativo” (Tavares, 2021, p. 65). A referida escola está situada em um bairro periférico da cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, tendo como público-alvo crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. De acordo com Nunes (2018, p. 5) a região da escola

apresenta um dos menores IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da cidade, estigmatizada como “território do crime” pelos constantes homicídios e “toques de recolher”, em virtude de conflitos entre grupos rivais por áreas de comércio e tráfico de drogas ilícitas, além das ocupações de famílias em busca de moradia, ocasionando permanentes reintegrações de posse.

Os estudantes do PIBID acompanharam as turmas do turno da manhã, especificamente turmas de 1º ano e do 5º ao 9º do Ensino Fundamental. Para a construção dessas narrativas nos apoiamos nos escritos dos diários de campo de quatro estudantes Pibidianos, materializadas em seus Diários de Campo, e das memórias das experiências com as atividades ao longo do primeiro semestre de 2025, o dia a dia na escola e as trocas com a professora supervisora do PIBID e os estudantes da educação básica. Nesse processo, voltamos nossos olhares para a história dos sujeitos da educação, sejam eles docentes, estudantes de graduação de Educação Física ou da educação básica em uma escola municipal de Porto Alegre. Para fins de cuidados éticos, os relatos produzidos pelos estudantes foram anexados ao texto a partir da identificação com nomes fictícios de personalidades indígenas.





INTERCULTURALIDADE E PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS - MAS AFINAL O QUE É ISSO?

O Brasil é um país construído na diversidade, por mais que o processo de colonização tenha tentado apagar essa diversidade quando os portugueses chegaram nesse território ele já era habitado por diferentes povos. Desde então, muitos outros povos foram compondo a população que temos hoje no país.

Falar de interculturalidade é falar de diversidade, da diversidade dos povos indígenas, povos africanos, povos asiáticos e povos europeus, levando em consideração as relações desiguais de poder entre os diversos grupos culturais. Segundo o professor Bruno Ferreira (2025), pensar a educação intercultural é reconhecer a existência de outras epistemologias, outros conceitos e modos de saber. Ancorada nos escritos de Candau (2014) e Walsh (2009), a professora Ana Paula da Silva Santos ressalta a perspectiva da interculturalidade crítica que “busca o questionamento das diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre os diferentes grupos culturais, étnico-raciais, de gênero, orientação sexual, entre outros” (SANTOS, 2020, p. 127). De acordo com Sacavino (2020, p. 37), “a interculturalidade crítica é prática política alternativa à geopolítica hegemônica, monocultural e monorracional de construção do conhecimento, de distribuição de poder e de caráter social”.

Nesse processo de prática alternativas às hegemônicas e de reconhecer outras epistemologias e modos de ser e saber Gersem Baniwa diz que a interculturalidade deve,

[...] abrir caminhos para o reconhecimento e reposição dos sujeitos colonizados, subalternizados, subjugados, silenciados, dominados e aliados de suas autonomias societárias e cosmológicas a uma posição de diálogo, de interação, de coexistência e convivência dialética (Baniwa, 2017, p. 13).

Ao refletirem sobre interculturalidade e educação, Santos *et al.* (2024, p. 87) “compreendem que a escola intercultural é aquela onde muitas histórias são contadas e valorizadas, onde há espaço para ouvir vozes-outras e conhecer narrativas para além da história dita oficial”.

Nesse sentido, segundo Tavares *et al.* (2024, p. 5), afirmam que “propor a interculturalidade como um caminho educacional possível significa questionar as bases, as práticas e os referenciais que regem o campo educacional”. Significa problematizar o racismo presente neste sistema e nas práticas e conteúdos naturalizados no contexto escolar”. A interculturalidade se fundamenta na convivência e no diálogo entre diferentes culturas de forma equitativa, buscando superar o etnocentrismo e o racismo estrutural presentes na sociedade e na escola. Segundo Walsh (2009), a interculturalidade crítica propõe





não apenas o reconhecimento da diversidade cultural, mas também a transformação das estruturas de poder que marginalizam saberes e práticas não-hegemônicas.

Oliveira e Silva (2020), ao abordar o conceito de educação intercultural de Pineda (2009), alerta para o fato de que a educação intercultural não é algo espontâneo ou automático, segundo as autoras, para que a educação intercultural aconteça é necessário um processo dialógico permanente, bem como a busca da produção de equidade, justiça e inclusão nos processos educativos. A educação Intercultural segundo Pineda (*apud* Oliveira e Silva, 2020, p. 208), significa “uma re-educação para atrever-se a pensar e a sentir, de novo, à luz de outras tradições culturais”.

A Educação Física escolar é uma área do conhecimento que, além de abordar os aspectos do movimento humano, também se constitui como espaço privilegiado para a valorização das culturas corporais, contribuindo para o reconhecimento da diversidade sociocultural dos sujeitos que compõem o ambiente escolar. Nesse contexto, o debate sobre interculturalidade torna-se central, especialmente quando se trata da inserção e valorização das práticas culturais de povos indígenas.

A interculturalidade tem se apresentado como um conceito fundamental para a valorização, reconhecimento e preservação das culturas dos povos indígenas. Mais do que a simples convivência entre diferentes culturas, ela implica um diálogo respeitoso, crítico e transformador que reconhece as desigualdades históricas e promove a valorização das identidades culturais marginalizadas.

O objetivo é ir além do multiculturalismo superficial, reconhecendo a coexistência de diferentes culturas e também promovendo a integração significativa, através de uma educação e convivência respeitosa frente à história, aos saberes e valores dos povos indígenas. A interculturalidade permite que esses grupos mantenham suas tradições vivas enquanto dialogam com outras influências culturais, reconhecendo sua presença no passado e assegurando sua presença no presente e no futuro como componentes ativos na formação das sociedades contemporâneas.

As práticas corporais indígenas representam expressões ricas e complexas dos modos de vida dos povos originários, indo muito além da simples atividade física. Elas integram dimensões espirituais, sociais, culturais e territoriais, sendo fundamentais para a manutenção da identidade indígena e para a transmissão de saberes ancestrais. Em um contexto em que o corpo é frequentemente visto de forma funcional ou individualizada, como na lógica ocidental, compreender as práticas corporais indígenas nos convida a refletir sobre outras formas de se relacionar com o corpo, com a natureza e com a coletividade.





Na escola, é de suma importância que alunas e alunos possam ter o contato com as práticas corporais indígenas possibilitando assim, reflexões sobre essas outras formas de se relacionar com o corpo.

Segundo Almeida *et al.* (2010, p. 63) “as práticas corporais das sociedades tradicionais colaboram para que valores, costumes, normas sociais e comportamentos desejados sejam assimilados por meio dos corpos dos indivíduos, tendo como base suas tradições. No plano simbólico, constituem-se em vivências lúdicas, expressões e linguagens com sentidos e significados que emergem dos contextos nos quais são realizadas”.

Precisamos estar atentos que as práticas corporais indígenas não podem ser entendidas apenas como atividades físicas, para além de atividades físicas, essas práticas se constituem como manifestações simbólicas de um modo de vida, nas quais corpo e natureza se constituem mutuamente. Nesse sentido, o corpo é entendido como parte do território, da coletividade e do sagrado, sendo, portanto, um meio de comunicação com os ancestrais e com a natureza. Ao brincar, as crianças indígenas (re)vivem em seus corpos as histórias contadas pelos mais velhos, vivenciando a ancestralidade em seus corpos.

A autora Ângela Nunes (1999), ao inferir o contexto das brincadeiras das crianças indígenas da etnia Xavante, narra que as crianças estão elaborando o próprio contexto social em que vivem, ao mesmo tempo em que brincam. As narrativas da autora integralizam as práticas lúdicas e os aspectos do cotidiano Xavante a partir da constatação de que as brincadeiras fazem parte da rotina prestando-se a desfechos da realidade (Nunes, 1999 *apud* Pereira, 2021, p. 43).

Ao tematizar as práticas corporais indígenas nas aulas de educação física, buscamos construir possibilidades de entendimento desse outro olhar para o corpo e para a própria área. Conforme alerta a professora Stephanie Pereira, “a Educação Física abre possibilidades para que se pense na ressignificação dos elementos das práticas corporais indígenas, com a adoção de posturas e valores que possam ser problematizados nas suas aulas, contribuindo para a diminuição das desigualdades sociais” (Pereira, 2021, p. 18).

Partindo do processo educativo inspirado na interculturalidade e nas práticas corporais indígenas, desenvolvem-se os Jogos Indígenas da Escola utilizando o diálogo intercultural para trilhar um caminho de construção de uma sociedade mais justa, superando o etnocentrismo.





NARRATIVAS: O ENCONTRO DO PIBID COM OS JOGOS INDÍGENAS DA EMEF DEPUTADO VICTOR ISSLER

Os jogos Indígenas da escola Victor Issler foram a culminância do projeto de vivências das práticas corporais indígenas realizado pelas professoras do turno da manhã da escola e da exposição “Visibilidade às mulheres indígenas” organizado pelo EEABI da escola. O EEABI é o espaço educativo afrobrasileiro e indígena que todas as escolas municipais de Porto Alegre têm. Esses espaços têm a missão de fundamentar, pesquisar, fortalecer e consolidar conceitos, experiências e atividades em Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e contam com 20h de carga horária de professores para realizar esse trabalho.

No mês de março de 2025, o EEABI inaugurou a exposição “Visibilidade para as Mulheres Indígenas: resistências e re-existências” com fotos de 12 personalidades femininas indígenas, entre elas duas alunas da escola. As mulheres homenageadas na exposição foram: a Cacica Gah Té do povo Kaingang, a ministra Sonia Guajajara, a rapper Katu Mirim do povo Bororó, a artista Daiara Tukano, a deputada Célia Xacriabá, a estudante de pedagogia Clarice Kokoj Vergueiro, a técnica em enfermagem Suely Khey Tomás, a professora Rosani Kamury, a doutoranda em educação Raquel Kubeo, a escritora Trudruá Torrico e nossas alunas Isadora e Roberta de origem Mbyá Guarani. A exposição com fotos e a biografia de cada uma dessas mulheres ficou fixada nas paredes dos corredores da escola do final de março ao final de maio e as turmas foram convidadas a fazerem visitas guiadas onde as professoras do EEABI iam contando sobre as trajetórias de cada uma das mulheres homenageadas.

Paralelo à exposição, as professoras de educação física, acompanhadas pelos estudantes do PIBID, proporcionaram vivências de práticas corporais indígenas às turmas da manhã. As alunas e alunos puderam aprender o Adugo ou jogo da onça, jogando tanto em tabuleiros de papelão como em um tabuleiro gigante pintado (pelos estudantes do PIBID) no chão do pátio da escola e o jogo do milho (um jogo parecido com jogo de dados), de origem Kaingang e que foi ensinado pelas alunas Isadora e Roberta. Além de experimentarem a corrida de tora, o cabo de força, arco e flecha e o Ronkrã (um jogo parecido com o Hóquei). As turmas do 1º ano ainda brincaram de peteca e da brincadeira Agukaká ou arranca mandioca. Além disso, as turmas de 7º ano tiveram uma saída pedagógica onde visitaram a aldeia FAG NIHIN quando tiveram a oportunidade de conhecer mais a cultura Kaingang.

Como culminância da exposição e das vivências das práticas corporais indígenas, tivemos a realização dos Jogos Indígenas da escola. Para esse evento, cada turma foi sorteada com uma





personalidade feminina de uma etnia indígena diferente. Após pesquisarem sobre o povo e a sua representante, as turmas preparam material para o dia do desfile de abertura dos jogos. Foram quatro dias de realização dos jogos. No primeiro dia tivemos a abertura que contou com a presença da Cacica Gah Té e o desfile de todas as turmas apresentando 19 etnias diferentes. Os três dias subsequentes foram de disputas das diferentes modalidades vivenciadas nas aulas de educação física ao longo do trimestre. Apesar de serem disputas entre as turmas, o caráter competitivo não era o objetivo dos jogos, o objetivo principal da realização dos jogos foi a celebração da diversidade dos povos indígenas e a integração entre as turmas. Foram quatro dias de festa na escola

Para os estudantes, tratou-se de um momento de construção de experiência, como narram:

Minha jornada nos preparativos para os Jogos dos Povos Indígenas do Victor Issler começou de forma bastante prática e colaborativa. No primeiro período, do dia 01/04, tive a oportunidade de me reunir junto dos meus colegas pibidianos e com a professora Gabriela no EEABI. Nossa tarefa inicial foi bastante peculiar e envolvente: debulhar milhos. Essa atividade, que à primeira vista poderia parecer simples, era fundamental para o jogo do milho, uma das atrações dos Jogos. No segundo momento nos dedicamos à construção dos tabuleiros do Jogo da Onça, um processo que exigiu atenção aos detalhes e um toque artesanal. Um dos momentos mais marcantes foi no dia 22/04 onde realizamos a marcação do tabuleiro do Jogo da Onça em uma escala aumentada, diretamente no pátio da escola. Ver o desenho ganhar vida em um espaço tão amplo foi motivante e ali deixamos uma pequena marca como PIBID - Educação Física na escola. Como tarefa do mês assumimos como pibidianos a responsabilidade de ministrar aulas sobre o Jogo da Onça em diversas turmas da escola, até em turmas que nunca tínhamos entrado antes. Começamos pelos 6º anos, onde o jogo foi introduzido em sala de aula. Explicamos as regras e contextualizamos a rica história por trás do jogo, buscando despertar o interesse e a curiosidade dos alunos. Eles tiveram a experiência de jogar no tabuleiro pequeno, o que ajudou a solidificar o entendimento das regras. Em seguida, levamos os alunos para o tabuleiro em escala aumentada no pátio. Em outras turmas seguimos o mesmo padrão, somente numa turma onde nunca tínhamos entrado, que foi um pouco diferente onde os alunos demonstraram resistência em fazer a vivência (Edson Kayapó, relato).

O segundo dia dos Jogos dos Povos Indígenas do Victor Issler que ocorreu no dia 06/05, foi um turbilhão de atividades (Jogo do milho, Ronkrã, Arco e flecha). Minha participação se concentrou no Ronkrã, onde atuei como árbitro. Minha principal preocupação era garantir a segurança dos alunos, evitando que se machucassem. Infelizmente, um pequeno incidente ocorreu, mas nada grave. Observei que muitos alunos, ao erguerem os tacos, paravam o jogo por conta própria respeitando as regras, mas como nem tudo é perfeito alguns não seguiram as regras onde houve alguns acidentes como citado antes. Por fim, ter participado da montagem e da equipe organizadora dos Jogos Indígenas do Victor Issler pelo PIBID foi grandioso e muito satisfatório (Ailton Krenak, relato).

Os Jogos Indígenas do Victor Issler foram uma oportunidade única de vivência cultural e aprendizado sobre um pouco da cultura indígena. Nosso envolvimento nos jogos nos





possibilitou testemunhar o espírito comunitário que permeia essas práticas esportivas. Tivemos um momento muito marcante que foi o canto entoado pela Cacica na abertura dos jogos trazendo mais um pouquinho da cultura dos povos indígenas. Essa interação contribui para promover um maior entendimento sobre a diversidade cultural dos povos indígenas. O evento foi feito com respeito e sensibilidade, respeitando as regras e a forma como os jogos são realizados. Preservar e respeitar a cultura indígena é vital não apenas para a sobrevivência dessas tradições, mas também para a riqueza cultural da sociedade como um todo. Ao valorizar e apoiar essas expressões culturais, contribuimos para a continuidade das tradições e fortalecemos a identidade indígena. Além disso, essa preservação nos ensina importantes lições sobre comunidade, respeito à natureza e diversidade, valores essenciais para o convívio harmonioso em sociedade (Sonia Guajajara, relato).

Os jogos indígenas que tivemos na escola Victor Issler, foi uma experiência muito relevante que tive enquanto acadêmico, e no desenvolvimento da minha formação, de poder trabalhar e vivenciar diretamente com os alunos, com um tema que está previsto no currículo e que percebo que temos essa carência pelos profissionais da educação em transmitir e divulgar as culturas das comunidades indígenas. Através do PIBID, e de estar em uma escola que tem como plano de ensino trabalhar as culturas indígenas e afrobrasileiras, tive a possibilidade de vivenciar diretamente os jogos e brincadeiras do ronkrã (que é bem dinâmico), cabo de força, arco e flecha, peteca, jogo do milho, e jogo da onça ou Adugo que é bem parecido com o jogo de dama. Neste dia foi bem divertido para os educandos menores que brincaram por pura diversão, e para os adolescentes que também se divertiram, mas de uma forma competitiva, para poderem pontuar mais para a sua equipe. Todas as atividades foram bem aproveitadas pelos alunos, mas considero destaque a brincadeira do jogo da onça humana, uma variação em que o tabuleiro foi feito no chão da quadra e as peças eram os alunos, e que deu muito certo, fazendo com que eles pensassem nas melhores estratégias antes de decidir a jogada. Posso dizer que antes de ter essa experiência não saberia como iniciar uma atividade com o tema sobre povos indígenas, claro que não me sinto preparado e vejo que ainda tenho muito que aprender sobre os povos originários, mas já serviu como uma ótima experiência essa vivência com os alunos, e da escola que tem como característica divulgar e fomentar a cultura indígena, povo com costumes e peculiaridades de cada comunidade e que se torna muito importante ter um mínimo de conhecimento para a formação acadêmica em qualquer área da licenciatura (Raoni, relato).

Os relatos mostram que a organização e a realização dos Jogos dos Povos Indígenas na Escola Victor Issler constituíram-se como uma experiência formativa intensa, marcada pelo trabalho coletivo, pela autoria pedagógica e pela imersão cultural. Desde os preparativos, como debulhar milhos para o jogo do milho, confeccionar e ampliar o tabuleiro do Jogo da Onça (Adugo) no pátio da escola, até a mediação das aulas nas diferentes turmas, os pibidianos vivenciaram o planejamento, a intervenção e a reflexão sobre a prática docente. Ao contextualizar historicamente os jogos, explicarem regras, lidarem com resistências e atuarem na arbitragem do Ronkrã com atenção à segurança, assumiram responsabilidades próprias do fazer docente. Nesse processo, o PIBID mostrou-se importante para a experiência formativa





dos/as estudantes, fortalecendo a construção da identidade profissional e possibilitando vivências que dificilmente ocorreriam apenas no espaço universitário.

Ao mesmo tempo, os Jogos Indígenas trazem a potência da Educação Física como espaço privilegiado de educação intercultural. A abertura com o canto entoado pela Cacica, o respeito às formas tradicionais de realização das atividades e a vivência de práticas como arco e flecha, peteca, cabo de força, jogo do milho e o “jogo da onça humana” ampliaram o repertório cultural dos estudantes e promoveram o reconhecimento da diversidade dos povos originários. Mais do que atividades recreativas ou competitivas, as práticas corporais foram tratadas como expressões culturais carregadas de história, identidade e valores, como o espírito comunitário, o respeito às regras e à natureza. Assim, a experiência evidencia que a Educação Física, quando orientada por uma perspectiva intercultural e crítica, contribui para a valorização das culturas indígenas no currículo escolar, ao mesmo tempo em que forma futuros docentes mais sensíveis, reflexivos e comprometidos com uma educação democrática e plural.

Por vezes, os cursos de licenciaturas têm lacunas significativas na formação inicial para tratar das temáticas afro-brasileiras e indígenas de forma aprofundada. Mesmo que os alunos conheçam as leis, o conteúdo é tratado de forma superficial ou pontual, sem preparo real para mediar essas discussões em sala de aula. Muitas vezes acaba não acontecendo mudanças significativas na compreensão sobre relações étnico-raciais ao longo da graduação, indicando que a formação não está promovendo reflexão crítica nem repertório teórico/metodológico consistente. Mostrando um currículo ainda estruturado em técnicas e práticas esportivas e com componentes relacionados a cultura, diversidade, etnia e história pouco integrados. Esse modelo não prepara adequadamente o futuro professor para questionar raízes coloniais do currículo, temas raciais e culturais nem para articular teoria e prática de maneira crítica.

O PIBID não é apenas uma bolsa, ele é um espaço formativo privilegiado de articulação entre teoria e prática. Diferentemente de disciplinas isoladas na graduação, o programa promove experiências concretas de planejamento, intervenção e reflexão pedagógica acompanhada por professores supervisores.

OJEPY'AMONGETÁVO TAPE REHE - REFLETINDO SOBRE O CAMINHO - CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIA

Olhar as aprendizagens construídas ao longo do caminho das vivências no PIBID e da realização dos Jogos Indígenas da EMEF Deputado Victor Issler é de suma importância para refletirmos





sobre o processo formativo de estudantes e professoras que embarcaram na aventura de pensar uma educação intercultural na Educação Física.

Pensar a Educação Física na perspectiva da educação intercultural exige reconhecer que não há como conceber a sua construção sem levar em consideração as questões culturais, ou seja, é fundamental perceber as diferenças culturais presentes na escola e na sociedade e as maneiras pelas quais nós, educadores e educadoras, podemos intervir no sentido de valorizar estas diferenças e, conseqüentemente, nos conteúdos propostos nas aulas e nas práticas pedagógicas (Santos, 2020, p. 132).

Sendo assim, ao tematizarmos as práticas corporais indígenas, buscamos oportunizar vivências de práticas corporais pertencentes a grupos subalternizados desconstruindo a invisibilização as quais elas estavam relegadas nos currículos da educação física escolar. “Ressalta-se ainda o fato de que poucos são os espaços, de fato, para o desenvolvimento de processos de reconhecimento cultural nas escolas e universidades. Tal fenômeno ganha mais força quando se trata das questões indígenas” (Pinto; Gomes; Rangel, 2025, p. 5), o que reforça a importância de experiências como a narrada neste texto.

A perspectiva intercultural propõe uma educação que vá além do reconhecimento superficial da diversidade, promovendo o diálogo entre culturas e enfrentando desigualdades estruturais presentes na escola. No âmbito da Educação Física, isso implica reconhecer o corpo como construção histórica, social e cultural, valorizando diferentes formas de movimento e expressão corporal. Sem uma formação consistente, os licenciandos tendem a reproduzir práticas pedagógicas centradas exclusivamente em modalidades esportivas hegemônicas, invisibilizando saberes indígenas e afro-brasileiros. Tal lacuna formativa gera insegurança e, muitas vezes, silenciamento diante de temas relacionados ao racismo estrutural e às desigualdades culturais. O professor corre o risco de reproduzir uma perspectiva única, eurocêntrica ou hegemônica em vez de promover respeito mútuo e reconhecimento de saberes diversos.

Entendemos, conforme João Paulo, (2026) nos alerta, que o caminho a ser percorrido para que a lei 11.645/08 e uma educação intercultural seja efetivada na rotina pedagógica da Educação Física no chão das escolas perpassa reformulações nos processos formativos das licenciaturas em Educação Física. Nesse sentido, a experiência das/os estudantes pibidianas/os na escola Victor Issler com as práticas corporais indígenas é um passo inicial na caminhada dessa formação para uma educação física mais próxima da interculturalidade.

O contato das/os estudantes bolsistas do PIBID com uma “educação física outra” (Oliveira e Silva, 2018), uma educação física não mais pautada apenas pelos esportes e práticas corporais eurocêntricas, é também uma tentativa de suprir possíveis lacunas dessa perspectiva que a graduação





apresenta. Como afirmou o estudante Renan, por si só essa experiência não faz com que ele se sinta preparado para trabalhar as questões indígenas, mas mostrou que ele ainda tem muito que aprender sobre os povos originários, e o fez despertar para olhar a educação física a partir de outras lentes e epistemologias. “Em uma sociedade pautada pelo conhecimento eurocêntrico colonizador é de suma importância a construção de caminhos teóricos, epistemológicos e práticos que rompam com esse pensamento” (Bins *et al.*, 2024, p. 3), nesse sentido a proposta de trabalhar a partir das práticas corporais indígenas e da interculturalidade com as/os estudantes do PIBID pode ser um diferencial em seus processos formativos.

Vivenciar propostas interculturais no PIBID permite ampliar o repertório para além do modelo esportivizado tradicional. A segurança docente nasce da experiência acompanhada, da reflexão coletiva e da fundamentação teórica articulada à prática. Essa vivência contribui para a construção da segurança docente, uma vez que o licenciando não apenas estuda a temática, mas experimenta sua aplicação em contexto real, com espaço para análise e reelaboração das práticas. Assim, o programa contribui para que o futuro professor desenvolva não apenas competências técnicas, mas também consciência crítica e responsabilidade social construindo uma Educação Física escolar que reconheça e valorize a diversidade cultural brasileira em sua pluralidade. Um professor seguro e bem-preparado reconhece e valoriza as contribuições de povos indígenas e afro-brasileiros para o esporte, para o corpo e para a cultura, construindo práticas pedagógicas que promovem respeito, equidade e inclusão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de; GRANDO, Beleni Salete. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 32, n. 2-4, p. 59-74, 2010.

BANIWA, Gersem. Educação intercultural: direitos, desafios e propostas de descolonização e de transformação social no Brasil. **Cadernos CIMEAC**, v. 7. n. 1, p. 12-31, 2017.

BINS, Gabriela Nobre, MOLINA NETO, Vicente. Mojuodara: uma possibilidade de trabalho com as questões étnico-raciais na educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 39, n. 3, p. 247-253, 2017.

BINS, Gabriela Nobre *et al.* Projeto corpo e ancestralidade na educação física escolar: narrativas de estudantes do ensino fundamental de uma escola pública. **Revista caderno pedagógico**, v. 21, n. 13, p. 1-20, 2024.





BRASIL. **Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID EDITAL nº 2/2020**. Brasília, DF: CAPES, 2020.

CANDAU, Vera Maria. **A diferença está no chão da escola**. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 4, COLÓQUIO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 8. **Anais...** Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CANDAU, Vera Maria. Educação Intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CARVALHO, Rosa Malena de Araújo; MACHADO, Andrea Beatriz. Os impactos do PIBID na formação de professores de educação física para a educação de jovens e adultos. **Cadernos de formação RBCE**, v. 7, n. 2, p. 119-131, 2016.

CLANDININ, Dorothy Jean; CONNELLY, Michel. **Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

FERREIRA, Bruno. A educação intercultural e seus desafios. In: TRAMAS. **Aprendizagens interculturais: encontro IV**. 25 de Junho de 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MLEEL2pfdh8>>. Acesso em: 30 abr. 2026.

NUNES, Juliana Garcia. **#somosmario: identidade, território e cultura - o que o ensino da geografia tem a ver com isso?** 2018. 148f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

OLIVEIRA e SILVA, Rita de Cássia. Por uma didática intercultural: trabalhando com brechas decoloniais. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Pedagogias decoloniais e interculturalidade: insurgências**. Rio de Janeiro: Apoema, 2020.

OLIVEIRA e SILVA, Rita de Cássia. Professora, a gente é pobre, preto e não tem nada a perder. A senhora vai fazer o que por nós? Deixa a gente jogar e pronto! Educação Física e Interculturalidade. In: JANOARIO, Ricardo de Souza (Org.) **Diálogos Interculturais**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da lei 11.645/08 na educação física escolar**. Fortaleza, CE: Aliás, 2021.

PINEDA, Fabíola L. É hora de sacudir os velhos preconceitos e de construir a terra: sobre a educação intercultural. In: CANDAU, Vera Maria (Org.) **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.





PINTO, Arliene Stephanie Menezes Pereira; GOMES, Daniel Pinto; RANGEL, João Paulo de Oliveira. Educação física e implementação da lei 11.645/08 através de brincadeiras e esportes indígenas. **Revista de educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 14, n. 35, p. 1-19, 2025.

RANGEL, João Paulo de Oliveira. **Práticas corporais indígenas no ensino fundamental**: uma análise da aplicação da lei n. 11.645/08 nas aulas de educação física no Cariri Cearense. 2026. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2026.

RICARDO, Karoline Hachler *et al.* Brincadeiras e jogos de matrizes indígena e africana nas aulas de educação física com o sexto ano do ensino fundamental da Escola Estadual Abya Yala. **Conexões**, v. 22, p. 1-20, 2024.

RUFINO, Luiz. **Ponta-cabeça**: educação, jogo de corpo e outras mandingas. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SACAVINO, Suzana. Interculturalidade e práticas pedagógicas: construindo caminhos. *In*: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Pedagogias decoloniais e interculturalidade**: insurgências. Rio de Janeiro: Apoema, 2020.

SANTOS, Ana Paula da Silva. O ensino da educação física na escola em uma perspectiva intercultural: um diálogo com as diferenças culturais. *In*: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Pedagogias decoloniais e interculturalidade**: insurgências. Rio de Janeiro: Apoema, 2020.

SANTOS, Erick Freitas dos *et al.* Formação inicial em educação física e interculturalidade: caminhos possíveis para construção de uma pluriversidade. *In*: TAVARES, Natacha da Silva *et al.* (Orgs.). **FEPEI - Formação de Professores para Práticas interculturais**. Porto Alegre, RS: Autores, 2024.

TAVARES, Natacha da Silva. **Construção curricular, interculturalidade e educação física**: possíveis ressonâncias. 2021. 215f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2021.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In*: CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural na América Latina**: entre tensões, concepções e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

Gabriela Nobre Bins

<https://orcid.org/0000-0001-7402-1734>

<http://lattes.cnpq.br/6149095859986711>

Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (Porto Alegre, RS – Brasil)

ganobre@hotmail.com





Polen Satto

<http://lattes.cnpq.br/3913967805449211>

<https://orcid.org/0009-0008-5069-5695>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

polentattoo@gmail.com

Renã Perez Santana

<https://orcid.org/0009-0005-5481-3511>

<https://lattes.cnpq.br/0673841068884931>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)

santanarp.acad@gmail.com

Roseli Belmonte Machado

<https://orcid.org/0000-0001-5653-1175>

<https://lattes.cnpq.br/1786367328744536>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

robeltmont@yahoo.com.br

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autora 1: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

Autora 2: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

Autor 3: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

Autora 4: orientação, revisão e escrita conjunta do texto.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.





DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

BINS, Gabriela Nobre. Tape porã: aprendizagens interculturais no PIBID educação física. **Corpoconsciência**, v. 30, e21183, p. 1-16, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e21183>.

Recebido em: 06/03/2026

Aprovado em: 18/05/2026

Publicado em: 03/06/2026

